



**Escola Primária no século XX.  
Grupos Escolares como espaços de memórias, trajetórias e culturas**

Primary schools in the 20th century.

School Groups as spaces of memories, life stories and cultures

La escuela primaria en el siglo XX.

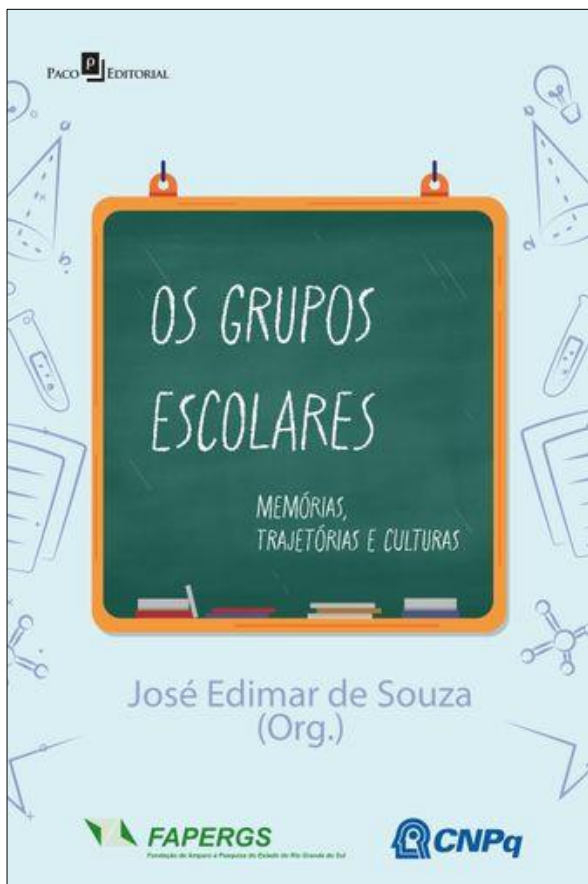
Los Grupos Escolares como espacios de recuerdos, trayectorias y culturas

Luciana Aparecida Santos Morais  
Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)

<https://orcid.org/0000-0002-2373-6024>

<http://lattes.cnpq.br/7682890269732951>

[luciana.morais@ufu.br](mailto:luciana.morais@ufu.br)



SOUZA. José Edimar de (Org.). *Os grupos escolares: memórias, trajetórias e culturas*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2023, 148p.

O livro *Os grupos escolares: memórias, trajetórias e culturas*, organizado por José Edimar de Souza, estrutura-se a partir de um prefácio, dois eixos temáticos e um posfácio. O primeiro eixo é constituído por cinco trabalhos e o segundo por três, dedicados a articular narrativas autobiográficas de estudantes e trajetórias docentes a partir de representações da cultura e as práticas pedagógicas dos grupos escolares. No texto de abertura, Souza ressalta que o livro busca evidenciar, à luz da ego-história, as narrativas de pesquisadores que revisitam suas trajetórias como estudantes e docentes, analisando a cultura escolar e as práticas pedagógicas, em âmbito local e regional no espaço urbano e rural.

O prefácio de autoria de Elizabeth Figueiredo de Sá destaca o ato de rememorar a escola primária como um processo afetivo de reconstrução e reflexão sobre o passado, e não uma mera repetição dos fatos. A autora contextualiza a importância histórica dos grupos escolares no Brasil como símbolos de modernidade e excelência pedagógica desde o seu surgimento em São Paulo, em 1894, até a sua extinção legal em 1971.

No primeiro eixo do livro: *Memórias dos tempos de estudante*, o primeiro trabalho intitulado “*Contar é muito difícil*”: *trechos de um memorial... trechos da escolarização em um grupo escolar na cidade de Pelotas, RS (1972 a 1975)*, escrito por Giana Lange do Amaral, apresenta uma narrativa de sua vivência como estudante no Grupo Escolar Fernando Treptown, localizado na cidade de Pelotas/RS. A autora recorre a metodologia da ego-história e trechos de seu memorial acadêmico para visitar sua infância escolar durante a ditadura militar. O trabalho também aborda o período de instabilidade familiar decorrente da perseguição política sofrida por seus pais, que resultou na perda de cargos de sua mãe e na mudança da família de Piratini para Pelotas, sua cidade natal.

Amaral nasceu em Pelotas, mas viveu parte de sua infância em Piratini, onde seu pai trabalhava como agricultor e sua mãe era diretora da Escola Normal Ponche Verde. A família retornou a Pelotas, instalando-se no bairro Fragata, quando a autora cursava o 2º ano primário, por volta de 1972, por motivo de perseguição política durante a ditadura militar.

Nesse contexto, a autora relata as dificuldades de adaptação vivenciadas no ambiente escolar, marcadas pelo choro frequente, descrevendo-se como uma “alienígena chorona”, pelo sentimento de não pertencimento, pela hostilidade de colegas e pela rigidez de algumas professoras. Em contraponto, destaca o acolhimento afetivo da professora da 4ª série, Nádia, cuja postura se diferencia das demais experiências narradas. O Grupo Escolar Fernando Treptown é caracterizado como um ambiente precário e cinzento: um prédio que anteriormente funcionava como fábrica de fumo, mal adaptado para fins escolares, sem muros (apenas telas enferrujadas), escuro, úmido e situado próximo a um cemitério.

Para finalizar esse trabalho, Amaral dialoga com o filósofo Paul Ricoeur para descrever o sentimento de “inacabamento” da escrita autobiográfica, encarando-a não como algo negativo, mas como um desafio que permite a reescrita e a reinterpretação do passado vivido. Ela relata que visitar suas memórias escolares lhe trouxe mais vontade de viver, o que lhe permitiu articular suas referências pessoais e acadêmicas.

Em *Lembranças que lembram: “Quincas”, meu grupo escolar Joaquim Caetano da Silva*, segundo trabalho do primeiro eixo, Carlos José de Azevedo Machado narra sua história como estudante no Grupo Escolar Joaquim Caetano da Silva, localizado na cidade de Jaguarão/RS, no início da década de 1970. A narrativa situa-se no contexto da LDB de 1971, quando a nomenclatura “Grupo Escolar” foi substituída por “Escola de 1º Grau”.

O autor revisita sua infância ancorado nas teorias da memória de autores como Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs para reconstruir sua identidade a partir das vivências escolares no Grupo Escolar Joaquim Caetano da Silva, carinhosamente apelidado de “Quincas”. Nesse percurso, o autor descreve o prédio escolar e destaca elementos sensoriais e espaciais, como o pátio e uma figueira centenária, que se constituíam em palco de brincadeiras como “polícia-ladrão” e bolinhas de gude, conhecidas como “boliça”.

Machado expõe suas dificuldades e relata sua imaturidade, os desafios na transição da letra bastão para a cursiva e as reprovações na 2ª e 3ª séries. O autor associa essas dificuldades a um provável Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), condição ainda não diagnosticada à época. Além disso, rememora as práticas da ditadura militar no ambiente escolar, como as “Horas Cívicas”, o canto do Hino Nacional, as campanhas de vacinação com pistola e a visita do General João Figueiredo à cidade, em 1979.

Não obstante, a narrativa também contempla aspectos de sua formação humana, como a visita ao Teatro Esperança, em 1974, que marcou seu interesse pelas artes cênicas; a motivação decorrente da vitória de um concurso de redação sobre o patrono da escola, na 7ª série, em 1981; a conclusão do 1º grau no “Joaquim Caetano”; a formação técnica em Contabilidade; a militância em um grupo de jovens da cidade; e, por fim, o ingresso no curso de Filosofia na Universidade Federal de Pelotas.

O trabalho *Grupos Escolares: “o mais perto que se tinha na minha época, de democratização e universalização da escola básica”*, de autoria de Luciane Sgarbi S. Grazziotin, compõe o terceiro trabalho do primeiro eixo. Neste texto, a autora utiliza a memória como ferramenta de reconstrução histórica para revisitar sua trajetória escolar no Rio Grande do Sul entre 1972 e 1974, um período em que, embora os grupos escolares já estivessem juridicamente extintos pela Lei 5.692/71, permaneciam cultural e estruturalmente presentes no cotidiano das cidades do interior.

Em sua narrativa, Grazziotin aplica a metodologia do “passado no presente” para mesclar lembranças da infância com a análise crítica atual. Inicialmente, revisita as dificuldades pedagógicas e a falta de laicidade no Grupo Escolar Otávio Boss, em Giruá/RS, na qual presenciou práticas de discriminação étnica contra um colega de origem cigana, bem como a reprodução de estereótipos raciais em livros didáticos. Posteriormente, a autora desloca a narrativa para o Grupo Escolar Paulo da Gama, em Porto Alegre/RS, no qual encontrou um ambiente marcado por maior diversidade e inclusão social, especialmente por meio de atividades culturais coletivas, como a participação em um grupo de flauta doce. Ao final, conclui que, apesar das contradições, aqueles grupos escolares constituíam, naquele contexto histórico, o esforço mais próximo de democratização e universalização do ensino básico.

O quarto trabalho do primeiro eixo, *Da escolinha rural isolada ao grupo escolar: memórias, escritas e imagens*, de autoria de Zita Rosane Possamai, é baseado em excertos do memorial da autora para professora titular da UFRGS. Aqui a autora tece uma narrativa para construir uma escrita que articula a sensibilidade da memória afetiva com a análise crítica de uma pesquisadora empenhada em salvaguardar o legado histórico das classes populares, transformando o vivido em laboratório de reflexão.

A autora descreve seu percurso educacional iniciado em uma pequena escolinha rural isolada em Morro do Cipó/SC, em 1973, marcada pela simplicidade. Em seguida, narra a migração da família para Cachoeirinha/RS, onde frequentou a Escola Costa e Silva e o Grupo Escolar Guimarães Rosa, enfrentando constantes adaptações devido às mudanças de residência.

Possamai tece uma crítica ao ensino tecnicista compulsório, impulsionado pela Lei 5.692/71 destinada às camadas populares, que oferecia noções rudimentares de administração em detrimento de conteúdos propedêuticos, funcionando como um obstáculo para o acesso ao ensino superior, o que exigiu dela um esforço extra para ingressar na UFRGS. A autora também aborda o despertar tardio de sua consciência política, em consonância com sua postura atual de militância e pelo compromisso social. Por fim, a autora reconhece que, apesar das práticas autoritárias e das falhas estruturais do ensino público da época, a escola e seus professores foram fundamentais para sua formação como intelectual e cidadã.

O trabalho *A gaveta dos guardados: memórias de uma estudante*, de autoria de Lucila Guedes de Oliveira, encerra o primeiro eixo do livro utilizando a metáfora da memória como gavetas dos guardados para reconstruir sua trajetória escolar no Grupo Escolar Bernardino Ângelo da Rede Estadual de Ensino, em Dom Pedrito/RS, a partir de 1977. Por meio de reflexões do passado, a autora analisa a materialidade e a disciplina da cultura escolar, evidenciadas na arquitetura imponente, no uso obrigatório de aventais, no som da sineta e na organização das filas, bem como descreve as práticas pedagógicas de alfabetização e os métodos avaliativos da época.

A narrativa assume um tom crítico ao rememorar episódios de racismo explícito e a naturalização de linguagens discriminatórias por parte das professoras da 8ª série. A autora revisita uma época marcada pela disciplinarização, pela centralidade das enciclopédias e pelo papel afetivo da biblioteca, além de descrever práticas pedagógicas que envolviam gincanas de matemática e a leitura em voz alta de poemas.

O segundo eixo: *Memórias em torno das trajetórias e práticas docentes*, contempla três trabalhos. O primeiro, intitulado *Planejar aulas para um correto proceder: o caderno de planejamento de uma professora de um Grupo Escolar (Camaquã, RS – 1957)*, de autoria de Maria Teresa Santos Cunha, insere-se no campo da cultura material escolar ao analisar um caderno de planejamento de aulas pertencente a uma professora, doravante identificada por MHSD, que atuou no 1º ano do Curso Primário do Grupo Escolar Manuel da Silva Pacheco, na cidade de Camaquã/RS, entre 1957 e 1959.

A autora examina o caderno como um artefato ritualístico da época, marcado por uma dimensão feminina. Repleto de colagens de flores, imagens religiosas e registros de vistos de inspeção, esse material expressava práticas de vigilância dirigidas a professoras e professores, que permeavam todas as atividades escolares na década de 1950. A análise do caderno de planejamento indica que a MHSD dedicava aproximadamente 25% de seu tempo letivo “a presença e a interiorização de um código de valores, regras e normas de nacionalistas e mesmo na escola pública” (Cunha, 2023, p.99). Desse modo, o caderno de planejamento funcionava como um instrumento de padronização de condutas e consolidação de um currículo prescrito, fundamentado na ordem e na memória.

O segundo trabalho do segundo eixo: *Grupos Escolares e Cia nas memórias de uma docente*, de autoria de Lucila Maria Sgarbi Santos, reconstrói a trajetória profissional da autora no Rio Grande do Sul durante a década de 1960, período marcado pela expansão das chamadas “Brizoletas<sup>1</sup>” e pela contratação emergencial de professores. A autora narra sua experiência inicial em Escolas Isoladas na zona rural, caracterizada pela atuação solitária e multifuncional da professora, pela precariedade estrutural e pelo esforço da comunidade para garantir a confecção de uniformes escolares.

Em 1964, a autora foi transferida para o Grupo Escolar Conde Afonso Celso, no município de Bom Jesus/RS, onde passou a atuar em um contexto institucional mais estruturado e hierarquizado, divisão de turmas e colaboração entre os docentes. Além de registrar as práticas cotidianas e a cultura escolar da época, a autora faz críticas às avaliações centralizadas promovidas pelo Estado, que desconsideravam o contexto dos alunos rurais, e rememora as rígidas normas que proibiam o uso de calças compridas pelas professoras, mesmo no inverno rigoroso de Bom Jesus/RS.

---

<sup>1</sup> Foram as escolas construídas em larga escala por todo o Estado do Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel de Moura Brizola (1959–1963), como parte de um projeto educacional sem precedentes destinado a combater os índices de analfabetismo no estado.

Em *Lembranças de breves percursos pelo Grupo Escolar Rui Barbosa*, terceiro e último trabalho do segundo eixo, Rosa Lydia Teixeira Corrêa elabora uma "escrita de si" fundamentada em "imagens-lembrança" para narrar duas etapas distintas de sua escolarização em Belém/PA, durante a década de 1960, no Grupo Escolar Rui Barbosa. A narrativa é impulsionada pelo esforço da mãe da autora em garantir a educação dos filhos oriundos da zona rural da Ilha de Marajó, no município de Muaná. Nesse contexto, Corrêa descreve, inicialmente, a primeira etapa, correspondente ao seu ingresso no Grupo Escolar Rui Barbosa em 1963, quando se desloca para a capital para cursar o 1º ano do ensino primário. Esse momento é marcado pelo choque cultural e pela imponência arquitetônica eclética da escola. Em seguida, aborda a segunda etapa, referente ao seu retorno à instituição em 1968, já sob a vigência do AI-5, período caracterizado pela austeridade na preparação para o exame de admissão ao ginásio, pelos rigorosos dias de prova e pelas datas cívicas.

Corrêa conclui que, apesar da convivência, a escola permaneceu como um espaço de circulação restrita e vigiada do qual a autora nunca se sentiu pertencente e que as "lembranças-imagens são representações construídas que, em decorrência dos seus significados e do tempo, permaneceram e foram trazidas à tona sem que emoções se fizessem sentir" (Corrêa, 2023, p. 135).

O Posfácio do livro, intitulado *Rememoração e operação historiográfica: desafios na construção de narrativas do passado sobre os grupos escolares*, escrito pelo Prof. Dr. Fernando Ripe, encerra a obra destacando a complexidade de transformar memórias individuais em uma narrativa histórica coesa sobre a institucionalização do ensino primário no Brasil.

A reflexão de Ripe perpassa a estrutura do livro e observa como o primeiro eixo resgatou a sensibilidade da experiência dos estudantes, marcada pela mistura de medo e curiosidade no ingresso escolar, pela formação de laços de amizade no recreio e o processo de alfabetização. Essa vivência é complementada pelo segundo eixo, que desloca a narrativa para a perspectiva docente, destacando os professores como guias fundamentais na implementação de métodos pedagógicos, bem como o papel institucional dos grupos escolares na expansão e consolidação do ensino primário no Rio Grande do Sul.

Ripe conclui sua reflexão ressaltando a perenidade dessas experiências na constituição dos sujeitos, afirmando que "a leitura da obra nos lembra que, embora o tempo continue seu curso inexorável, as memórias permanecem vivas dentro de nós, ressurgindo para nos mostrar o quanto a vida é uma lembrança individual de um pertencimento social" (Ripe, 2023, p. 140).

Embora os grupos escolares não existam mais como modelo institucional, sua herança permanece viva nas narrativas de seus sujeitos, como uma marca de pertencimento social e formação de identidade.

## Referência

SOUZA, José Edimar de (Org.). *Os grupos escolares: memórias, trajetórias e culturas*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2023, 148p.